

1

Quando estava prestes a completar treze anos, o meu irmão Jem fraturou gravemente o braço na zona do cotovelo. Quando recuperou, e os seus receios de nunca mais poder jogar futebol foram postos de parte, raramente tomava consciência da sua lesão. Porém, o seu braço esquerdo ficara um tanto ou quanto mais curto do que o direito; quando estava parado, de pé, ou a caminhar, a palma da sua mão ficava mesmo perpendicular ao corpo, com o polegar paralelo à coxa. Mas isso não o incomodava, desde que conseguisse fazer passes e rematar.

Passados os anos suficientes para que os pudéssemos reviver com algum distanciamento, falávamos de quando em vez dos acontecimentos que tinham dado origem ao acidente. Eu continuo a achar que foram os Ewells que começaram tudo, mas o Jem, que era quatro anos mais velho do que eu, disse que tudo começou muito tempo antes. De facto, disse que tudo começara naquele verão em que o Dill apareceu por estas bandas, da primeira vez que ele sugeriu que tentássemos obrigar o Boo Radley a sair de casa.

Aí eu disse-lhe que, se quiséssemos ter uma visão mais alargada da questão, então teríamos de recuar até à época do presidente Andrew Jackson. Se o general Jackson não tivesse decidido expulsar a tribo Creek dos seus territórios rio acima, o Simon Finch jamais teria vindo parar ao Alabama. E então, onde é que nós estaríamos neste momento? Como já éramos demasiado crescidos para recorrermos aos punhos para resolver uma discussão, decidimos consultar o Atticus. E o nosso pai disse que ambos tínhamos razão.

Como sulistas, era motivo de vergonha para alguns membros da família não termos conhecimento de qualquer familiar nosso que tives-

se estado envolvido numa das fações da Batalha de Hastings. Sendo assim, apenas nos restava o Simon Finch, um boticário negociante de peles da Cornualha, cuja piedade só era excedida pela sua usura. Em Inglaterra, o Simon sentira-se deveras irritado ante a perseguição feita a quem se proclamava metodista pelos seus irmãos mais liberais, e como o Simon se considerava um metodista, tratou de atravessar o Atlântico rumo a Filadélfia, daí para a Jamaica, daí para Mobile, até chegar a Saint Stephens. Consciente da censura de John Wesley sobre o uso excessivo da verborreia na compra e na venda, o Simon fez fortuna com a prática da medicina, mas sentia-se algo infeliz nesta sua busca ante o medo de cair na tentação de exercer o seu ofício, não pela glória de Deus, mas pela vacuidade do ouro e pelo luxo e ostentação do vestuário. Deste modo, o Simon, ignorando por completo a máxima do seu professor acerca da posse de bens humanos, acabou por comprar três escravos e, com a ajuda deles, construiu uma propriedade nas margens do rio Alabama, uns 70 km acima de Saint Stephens. Só voltou mais uma vez a Saint Stephens, desta vez para arranjar mulher e com ela estabelecer uma linhagem em que predominavam apenas raparigas. O Simon viveu até uma idade considerável e morreu rico.

Era costume os homens da família permanecerem na propriedade do Simon, chamada Plantação Finch, ganhando a vida com o algodão. O sítio era autossuficiente: modesto em comparação com aqueles que o rodeavam, embora a Plantação produzisse tudo o que é essencial à vida, exceto gelo, farinha de trigo e artigos de vestuário, que eram fornecidos pelos barcos provenientes de Mobile.

O Simon teria certamente acompanhado com fúria impotente os distúrbios entre o Norte e o Sul, dado que este conflito despojou os seus descendentes de tudo o que tinham, exceto a sua terra. No entanto, a tradição de viver da terra manteve-se inabalável até ao século XX, altura em que o meu pai, Atticus Finch, foi para Montgomery estudar Direito e o seu irmão mais novo para Boston, estudar Medicina. A irmã deles, Alexandra, foi a única Finch que permaneceu na Plantação: casou com um homem taciturno, que passava a maior parte do seu tempo deitado junto ao rio numa cama de rede, imaginando se as suas redes de pesca estariam cheias ou não.

Quando o meu pai concluiu a sua licenciatura, regressou a Maycomb e começou a exercer advocacia. Maycomb, que se situava aproximadamente 30 km a leste da Plantação Finch, era a sede de condado de Maycomb County. O gabinete do Atticus no tribunal continha

pouco mais que um cabide para chapéus, um escarrador, um tabuleiro de damas e um Código Civil do Alabama novinho em folha. Os seus dois primeiros clientes foram as duas últimas pessoas a ser enforcadas na cadeia de Maycomb County. O Atticus tinha procurado convencê-los a aceitar a generosidade estadual, permitindo-lhes declararem-se culpados de homicídio em segundo grau e escapar com vida, só que eles eram Haverfords, apelido que, em Maycomb County, era sinónimo de estupidez. Os Haverfords haviam despachado o mais importante ferreiro de Maycomb num mal-entendido alegadamente proveniente da apreensão indevida de uma égua. Só que foram imprudentes ao ponto de cometerem o crime na presença de três testemunhas e, mesmo assim, insistiam que o-facto-de-o-filho-da-mãe-se-ter-atirado-a-eles era por si só um bom argumento de defesa para qualquer um. Teimavam em alegar que estavam INOCENTES de homicídio em primeiro grau, por isso ao Atticus nada mais restava fazer pelos seus clientes do que estar presente na sua última e derradeira viagem, uma ocasião que terá, porventura, despertado o seu profundo desgosto pela prática do direito criminal.

Ao longo dos seus primeiros cinco anos em Maycomb, o Atticus exerceu acima de tudo economia; depois, durante os anos subsequentes, decidiu investir os seus rendimentos na educação do irmão. John Hale Finch era dez anos mais novo que o meu pai e decidiu optar por Medicina numa altura em que o algodão não estava a render; porém, só depois de dar uma mãozinha ao tio Jack é que o Atticus começou a tirar um lucro razoável da advocacia. Nado e criado em Maycomb, gostava de Maycomb, conhecia a sua gente, eles conheciam-no e, devido à prole do Simon Finch, o Atticus era parente de sangue ou por casamento de quase todas as famílias da cidade.

Maycomb era uma cidade velha, mas quando a conheci era uma cidade velha e cansada. Com o tempo chuvoso as ruas transformavam-se em lodo avermelhado; a erva crescia nos passeios e o velho tribunal vergava-se sobre a praça. Seja como for, naquela época o tempo era bem mais quente: qualquer cão preto penava num dia de verão; perante o calor sufocante, as mulas escanzeladas aparelhadas às carroças modelo Hoover sacudiam as moscas à sombra dos carvalhos existentes na praça. Pelas nove da manhã já os colarinhos bem engomados dos homens perdiam a goma. As senhoras tomavam banho antes do meio-dia, depois da sesta das três, e ao anoitecer eram como

biscoitos de manteiga cobertos com gotículas de suor e pó de talco perfumado.

Naquele tempo as pessoas deslocavam-se lentamente. Deambulavam pela praça, ora entrando, ora saindo das lojas à sua volta, demorando-se com quase tudo. O dia tinha vinte e quatro horas, mas parecia ser bem mais longo. Não havia pressa, porque não havia nenhum sítio para onde ir, nada para comprar e nenhum dinheiro com que comprar, nada para ver além dos limites de Maycomb County. Mas, para alguns, eram tempos de vago otimismo: isto porque alguém dissera recentemente que Maycomb County nada tinha a temer, exceto o próprio medo.

Vivíamos na principal rua residencial da cidade: o Atticus, o Jem e eu, mais a Calpurnia, a nossa cozinheira. Eu e o Jem achávamos o nosso pai razoável: ele brincava connosco, lia para nós e tratava-nos com um distanciamento cortês.

Pelo contrário, a Calpurnia já era uma outra história. Era toda ângulos e ossos; era míope; estrábica; a sua mão era grande como uma trave e duas vezes mais dura. Estava constantemente a mandar-me sair da cozinha, a perguntar-me porque é que não me comportava tão bem como o Jem, quando ela sabia perfeitamente que ele era o mais velho e, além disso, tinha sempre a mania de me chamar para casa nas piores alturas. As nossas guerras eram épicas e unilaterais. Ela vencía sempre, muito porque o Atticus tomava sempre o seu partido. Estava connosco desde que o Jem tinha nascido e eu sentia a despótica presença dela desde que me lembrava de mim.

Eu tinha dois anos quando a nossa mãe morreu, por isso nunca senti a sua ausência. Era uma Graham de Montgomery. O Atticus conheceu-a quando foi eleito pela primeira vez para a comissão legislativa do estado. Ele era já um homem de meia-idade, ela tinha menos quinze anos. O Jem era o fruto do seu primeiro ano de casamento; quatro anos mais tarde nasci eu e dois anos depois a nossa mãe morreu de um súbito ataque cardíaco. Disseram que era hereditário. Não senti a falta dela, mas penso que o Jem sentiu, e bastante. Ele lembrava-se perfeitamente dela e às vezes, a meio de um jogo, começava aos suspiros e, em seguida, saía e ia jogar sozinho para trás da garagem. Mal ele começava assim, eu já sabia que não o devia importunar.

Quando eu tinha quase seis anos e o Jem para aí uns dez, as fronteiras do nosso verão (mas sempre ao alcance do chamamento da Cal-

puernia) eram a casa de Mrs. Henry Lafayette Dubose, duas portas a norte, e a Casa Radley, três portas a sul. Nunca nos tínhamos atrevido a ultrapassá-las. A Casa Radley era habitada por uma entidade desconhecida cuja descrição era suficiente para nos fazer andar bem-comportados dias a fio; quanto a Mrs. Dubose, era um verdadeiro inferno.

Foi nesse verão que conhecemos o Dill.

Certa manhã, bem cedinho, quando estávamos a começar as nossas brincadeiras no pátio das traseiras, eu e o Jem ouvimos alguma coisa na horta de Miss Rachel Haverford. Dirigimo-nos à cerca de arame para ver se do outro lado já havia algum cachorrinho (a *terrier* rateira de Miss Rachel estava prenhe), mas em vez disso encontramos uma pessoa sentada a olhar para nós. Sentado, ele não seria muito maior do que as couves. Ficámos a olhar para ele até que ele disse:

— Olá!

— Olá p'a ti tam'ém — disse o Jem educadamente.

— Chamo-me Charles Baker Harris — disse ele. — E sei ler.

— Sim, e depois? — retorquiu o Jem.

— Pensei que gostassem de saber que sei ler. Se quiserem qu'eu leia qualquer coisa, é só dizer...

— Quantos anos tens — perguntou o Jem —, quatro e meio?

— 'Tou quase a fazer sete.

— Atão e depois? — disse o Jem, fazendo-me sinal com o polegar.

— Ali a Scout lê desde que nasceu e ainda nem sequer anda na escola. Para quem vai fazer sete anos pareces-me muito pequenote.

— Sou pequeno, mas já tenho alguma idade — respondeu ele.

O Jem puxou o cabelo para trás para ver melhor.

— Porque é que não vens connosco, Charles Baker Harris? — perguntou. — Meu Deus, mas que nome!

— É tão esquisito com'ó teu. A minha tia Rachel diz que o teu nome é Jeremy Atticus Finch.

O Jem franziu o sobrolho. — Eu pelo menos tenho tamanho suficiente para o meu nome! — disse. — O teu nome ainda é maior que tu. P'raí um metro.

— Os meus amigos chamam-me Dill — disse o Dill, tentando passar por baixo da cerca.

— Safavas-te melhor se passasses por cima e não por baixo — disse-lhe eu. — Dondé que vens?